

COLLEEN  
HOOVER



CONFESSE

*Tradução*  
Priscila Catão

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

# Parte Um

## PRÓLOGO

# Auburn

**P**asso pelas portas do hospital sabendo que será a última vez. No elevador, aperto o três, vendo o botão se acender pela última vez.

As portas abrem no terceiro andar, e sorrio para a enfermeira de plantão, observando a expressão de pena que ela dirige a mim pela última vez.

Passo pela sala de suprimentos, pela capela e pela copa dos funcionários, tudo pela última vez.

Sigo pelo corredor. Mantenho o olhar fixo à frente e me encho de coragem quando bato de leve à sua porta, esperando ouvir Adam me convidar para entrar pela última vez.

— Entre.

Não faço ideia de como sua voz ainda pode estar tão esperançosa.

Ele está na cama, deitado de costas. Quando me vê, me consola com um sorriso e ergue o cobertor, convidando para me juntar a ele. A grade já está abaixada, então subo na cama ao seu lado, apoio o braço em seu peito e entrelaço nossas pernas. Enfio o rosto no seu pescoço, querendo sentir seu calor, mas não o encontro.

Hoje ele está frio.

Ele se endireita até ficarmos na nossa posição de sempre, com seu braço esquerdo debaixo de mim e o direito por cima, me puxando para perto. Ele demora um pouco mais que o normal para ficar confortável, e percebo que sua respiração fica mais intensa a cada pequeno movimento que faz.

Tento não notar essas coisas, mas é difícil. Percebo que ele está mais fraco, com a pele um pouco mais pálida e com a voz mais frágil. Todo dia, durante o horário que podemos passar juntos, percebo que ele está escapando cada vez mais de mim, e não há nada que eu possa fazer. Não há nada que ninguém possa fazer, além de testemunhar.

Faz seis meses que a gente sabe que as coisas terminariam assim. Claro que todos nós rezamos por um milagre, mas esse tipo de milagre não acontece na vida real.

Meus olhos se fecham quando os lábios gelados de Adam tocam minha testa. Já disse para mim mesma que não vou chorar. Sei que é difícil, mas ao menos posso fazer tudo possível para evitar as lágrimas.

— Estou tão triste — sussurra ele.

Suas palavras destoam muito da sua positividade habitual, mas me reconfortam. Claro que não quero que ele fique triste, mas agora preciso que fique assim comigo.

— Eu também.

Nossas visitas das últimas semanas foram marcadas por muitas risadas e conversas, mesmo que forçadas. Não quero que a de agora seja diferente, mas é impossível rir de alguma coisa quando sabemos que é a última visita. Ou conversar sobre qualquer assunto. Tudo o que quero é chorar com ele e gritar que isso é muito injusto com a gente, mas isso estragaria a lembrança desse momento.

Quando os médicos de Portland disseram que não podiam fazer mais nada por ele, seus pais decidiram transferi-lo para um hospital em Dallas. Não porque esperavam um milagre, mas porque a família inteira mora no Texas, e acharam que seria melhor se ele pudesse ficar perto do irmão e de todos que o amavam. Adam tinha se mudado com os pais para Portland apenas dois meses antes de a gente começar a namorar. Isso foi há um ano.

Adam só aceitaria se mudar para o Texas se deixassem que eu o acompanhasse. Foi uma batalha conseguir que nossos pais concordassem, mas Adam argumentou que era ele quem estava morrendo, portanto deveria ter o direito de escolher com quem estaria e o que aconteceria quando chegasse a hora.

Já faz cinco semanas que cheguei a Dallas, e nós dois já esgotamos a compaixão deles. Disseram que preciso voltar para Portland imediatamente, caso contrário meus pais serão processados por absentismo escolar. Se não fosse por isso, os de Adam até me deixariam ficar, mas a última coisa que meus pais precisam no momento é de algum problema legal.

Meu voo é hoje, e não temos mais nenhuma ideia de como convencê-los de que não preciso ir. Não contei e nem vou contar para Adam, mas ontem à noite, depois que implorei mais algumas vezes, sua mãe, Lydia, finalmente confessou sua verdadeira opinião sobre o assunto:

— Você tem 15 anos, Auburn. Acha que o que sente por Adam é real, mas daqui a um mês já vai ter se esquecido dele.

Nós que o amamos desde o dia em que ele nasceu vamos sofrer sua perda até o dia da nossa morte. É com essas pessoas que ele precisa estar neste momento.

É estranho se dar conta de que, aos 15 anos, você escutou as palavras mais duras que vai ouvir na vida. Nem sequer soube o que responder a ela. Como uma garota de 15 anos pode defender o amor que sente se ninguém leva a sério seu sentimento? É impossível se defender contra argumentos como inexperiência e idade. E talvez eles tenham razão. Talvez a gente não conheça o amor como os adultos, mas certamente sentimos o mesmo. E agora sinto que o amor está prestes a partir meu coração.

— Seu voo é daqui a quanto tempo? — pergunta Adam, enquanto seus dedos lentamente desenham círculos no meu braço pela última vez.

— Duas horas. Sua mãe e Trey estão me esperando lá embaixo. Ela disse que a gente precisa sair daqui a dez minutos para chegar a tempo.

— Dez minutos — repete ele baixinho. — Não é o suficiente para que eu compartilhe com você toda a sabedoria profunda que adquiri no meu leito de morte. Preciso de no mínimo quinze. Vinte, no máximo.

Eu rio, e provavelmente foi a risada mais patética e triste que já dei. Nós dois escutamos o desespero do meu riso, e ele me abraça mais forte, mas não muito. Ele está bem menos forte que ontem. Sua mão acaricia minha cabeça, e ele pressiona os lábios no meu cabelo.

— Quero agradecer a você, Auburn — diz ele baixinho. — Por muitas coisas. Mas primeiro quero agradecer por você estar tão furiosa quanto eu.

Rio mais uma vez. Ele sempre faz algumas piadas, mesmo sabendo que são suas últimas.

— Você precisa ser mais específico, Adam, porque agora estou furiosa com um monte de coisas.

Ele afasta o braço que está ao meu redor e faz um tremendo esforço para rolar na minha direção, para que a gente fique um de frente para o outro. Alguém até poderia insistir que seus olhos são castanhos, mas não são. Eles têm tons verdes e castanhos, que se aproximam, mas nunca se misturam, formando o par de olhos mais intenso e definido que já olhou para mim. Esses olhos, aliás, costumavam ser o que ele tinha de mais alegre, mas agora também foram derrotados por um destino prematuro que drena lentamente suas cores.

— Estou falando especificamente de como nós dois estamos furiosos com a Morte por ser uma filha da mãe tão gananciosa. Mas acho que também estou me referindo aos nossos pais, por não entenderem isso. Por não permitirem que eu tenha aqui, junto de mim, a única coisa que quero.

Ele tem razão. Estou mesmo furiosa com essas duas coisas. Mas nos últimos dias já discutimos o suficiente esse assunto para saber que perdemos e que eles venceram. Neste momento, só quero focar em Adam e absorver todos os mínimos detalhes da sua presença enquanto ainda posso desfrutar dela.

— Você disse que quer me agradecer por muitas coisas. Então qual a próxima?

Ele sorri e leva a mão até meu rosto. Seu polegar roça meus lábios, e sinto como se meu coração se jogasse na sua direção, tentando desesperadamente permanecer aqui, enquanto minha carcaça vazia é obrigada a pegar um voo de volta a Portland.

— Quero agradecer por você ter me deixado ser o primeiro — diz ele. — E por ter sido a minha.

Por um breve momento, seu sorriso transforma o garoto de 16 anos no leito de morte em um adolescente bonito, animado e cheio de vida, pensando na primeira vez que transou.

Suas palavras, e a reação a elas, forçaram o surgimento de um sorriso envergonhado em mim quando me lembro daquela noite. Foi antes de sabermos que ele voltaria ao Texas. A gente já sabia seu prognóstico, e ainda tentávamos aceitá-lo. Passamos uma noite inteira discutindo todas as coisas que teríamos vivenciado se pudéssemos ficar juntos para sempre. Viajar, casar, ter filhos (incluindo os nomes que escolheríamos), todos os lugares onde teríamos morado e, claro, sexo.

Imaginamos que a gente teria uma vida sexual incrível, se tivéssemos a oportunidade. Ela seria motivo de inveja para todos os nossos amigos. Fariamos amor todas as manhãs antes do trabalho, e todas as noites antes de dormir, e às vezes durante o dia também.

Nós rimos ao imaginar isso, mas a conversa logo se acalmou quando percebemos que aquele era o único aspecto do nosso namoro que ainda estava sob nosso controle. Não dava para alterar mais nada no nosso futuro, no entanto poderíamos ter algo extremamente pessoal e que a morte jamais roubaria de nós.

Nem discutimos. Não foi preciso. Assim que ele me encarou, vi meus pensamentos refletidos em seus olhos, então começamos a nos beijar e não paramos. Nós nos beijamos enquanto tirávamos a roupa, nos beijamos enquanto nos tocávamos, nos beijamos enquanto chorávamos. Nós nos beijamos até terminar, e, mesmo depois, continuamos nos beijando para comemorar que tínhamos vencido aquela pequena batalha contra a vida, a morte e o tempo. E ainda estávamos nos beijando quando ele me abraçou em seguida e disse que me amava.

Assim como está me abraçando e me beijando agora.

Ele está agarrando meu pescoço, e seus lábios separam os meus, como se fosse o início sombrio de uma carta de despedida.

— Auburn — sussurram seus lábios nos meus. — Amo muito você.



Sinto o gosto das lágrimas no meio do nosso beijo e odeio o fato de estar arruinando nossa despedida com minha fraqueza. Ele se afasta da minha boca e encosta a testa na minha. Estou respirando com dificuldade, e meu pânico é visível, enterrando-se na minha alma e dificultando meu raciocínio. A tristeza é como um calor que sobe sorratamente pelo meu peito, criando uma pressão insuportável à medida que se aproxima do meu coração.

— Conte alguma coisa sobre você que mais ninguém sabe.  
— Sua voz se mistura às suas lágrimas enquanto ele olha para mim. — Algo que eu possa guardar comigo.

Ele me pergunta isso todo dia, e todo dia revelo alguma coisa que jamais disse em voz alta. Acho que saber coisas sobre mim que outra pessoa nunca saberá é algo que o conforta. Fecho os olhos e penso enquanto suas mãos continuam acariciando todas as áreas da minha pele que conseguem alcançar.

— Jamais contei para ninguém no que penso antes de dormir.

A mão dele para no meu ombro.

— No que você pensa?

Abro os olhos e encaro os dele.

— Penso em todas as pessoas que eu queria que morressem no seu lugar.

A princípio, ele não reage, mas, por fim, sua mão volta a se mexer, descendo pelo meu braço até alcançar meus dedos. Ele desliza a mão por cima da minha.

— Aposto que não pensa em muita gente.

Forço um sorriso discreto e balanço a cabeça.

— Na verdade, penso, sim. Penso em muita gente. Às vezes, digo todos os nomes que conheço, depois começo a dizer nomes de pessoas que jamais conheci pessoalmente. De vez em quando, até invento nomes.

Adam sabe que não estou falando sério, mas ele se sente bem ouvindo isso. Seu polegar enxuga as lágrimas na minha bochecha, e fico zangada por não ter conseguido esperar nem dez minutos antes de chorar.

— Desculpe, Adam. Eu me esforcei muito para não chorar. Seu olhar se suaviza ao responder:

— Se você tivesse saído deste quarto hoje sem chorar, eu teria ficado arrasado.

Ao ouvir essas palavras, paro de me conter. Agarro sua camisa e começo a soluçar em seu peito enquanto ele me abraça. Em meio às lágrimas, tento escutar as batidas do seu coração, querendo xingar seu corpo inteiro por ter sido tão covarde.

— Eu te amo tanto... — Sua voz está ofegante e cheia de medo. — Vou te amar para sempre. Mesmo quando eu não puder mais.

Minhas lágrimas aumentam ao ouvir suas palavras.

— E eu vou te amar para sempre. Mesmo quando eu não dever mais.

Continuamos abraçados, sentindo uma tristeza tão avassaladora que é difícil querer viver depois disso. Digo que o amo porque preciso que ele saiba disso. Digo que o amo mais uma vez. Fico repetindo, e nunca falei isso tantas vezes em voz alta. Toda vez que digo, ele o faz também. Repetimos tantas vezes que não sei mais quem está ecoando a fala de quem, mas continuamos, sem parar, até seu irmão Trey tocar no meu braço e me dizer que está na hora de ir.

Continuamos dizendo enquanto nos beijamos pela última vez.

Continuamos dizendo enquanto nos abraçamos.

Continuamos dizendo enquanto nos beijamos pela última vez de novo.

E ainda continuo dizendo...

## CAPÍTULO UM

# Auburn

**E**u me remexo na cadeira assim que ele diz quanto cobra por hora. Não tenho como pagar tanto com o salário que ganho.

— Você trabalha com escala móvel? — pergunto.

As rugas ao redor de sua boca se tornam mais proeminentes quando ele se esforça para não franzir a testa. Ele cruza os braços, apoiando-os na mesa de mogno, e une as mãos, encostando a ponta de um polegar na outra.

— Auburn, o que você está me pedindo vai custar dinheiro.

Jura?

Ele se encosta na cadeira, levando as mãos até o peito e apoiando-as na barriga.

— Advogados são como casamento. Você recebe pelo que paga.

Não digo que sua comparação foi péssima. Em vez disso, olho para o cartão de visitas em minha mão. Ele foi muito bem recomendado, e eu sabia que seria caro, mas não imaginava que seria tão caro assim... Vou precisar de um segundo emprego. Talvez até de um terceiro. Na verdade, acho que vou ter de roubar algum maldito banco.

— E não tem nenhuma garantia que o juiz vá decidir a meu favor?

— Só posso prometer que vou fazer tudo o que puder para assegurar que o juiz decida a seu favor. De acordo com a papelada que foi apresentada em Portland, você se colocou numa situação difícil. Isso vai demorar.

— Tudo o que tenho é tempo — murmuro. — Volto assim que receber meu primeiro pagamento.

Ele me força a marcar um horário com sua secretária, e depois me dispensa, me mandando de volta para o calor do Texas.

Faz três semanas que estou morando aqui, e, até então, é exatamente como eu achava que seria: quente, úmido e solitário.

Cresci em Portland, Oregon, e presumi que passaria o resto da vida por lá. Visitei o Texas uma vez quando tinha 15 anos e, apesar de não ter sido uma viagem agradável, não me arrependo de nenhum segundo. Diferentemente de agora, quando eu faria qualquer coisa para voltar a Portland.

Coloco os óculos escuros para proteger os olhos, e sigo na direção do meu apartamento. Morar no centro de Dallas é completamente diferente de morar no centro de Portland. Pelo menos em Portland eu tinha acesso a quase tudo que a cidade podia oferecer, e conseguia fazer tudo a pé. Dallas é tão espalhada e grande... E já falei do calor? É muito quente. Como vendi meu carro para poder pagar a mudança, preciso escolher entre

o transporte público e meus pés, considerando que acabei de me tornar uma pessoa mesquinha para poder pagar o advogado com quem me encontrei há pouco.

Não acredito que as coisas chegaram a esse ponto. Ainda nem formei uma clientela no salão onde estou trabalhando, então vou mesmo ter de procurar um segundo emprego. Não faço ideia de como vou arranjar tempo para trabalhar mais, por causa dos horários aleatórios que Lydia determina.

Por falar em Lydia...

Disco seu número, aperto “ligar” e espero que atenda. Cai na caixa postal, e fico na dúvida se é melhor deixar uma mensagem ou ligar de novo à noite. Tenho certeza de que, de qualquer jeito, ela apaga as mensagens, então encerro a ligação e guardo o celular na bolsa. Sinto o calor subir pelo pescoço e bochechas, e uma ardência familiar nos olhos. É a décima terceira vez que vou a pé para casa no meu novo estado, numa cidade habitada somente por desconhecidos, mas estou determinada a fazer com que hoje seja a primeira vez que chego em casa sem chorar. Meus vizinhos devem me achar louca.

A caminhada do trabalho até minha casa é longa, e longas caminhadas me fazem pensar na vida, e minha vida me faz chorar.

Paro para observar a janela de vidro de um dos prédios com a intenção de conferir se meu rímel está escorrendo. Noto meu reflexo e não gosto do que vejo.

Uma garota que odeia as escolhas que fez na vida.

Uma garota que odeia sua carreira.

Uma garota que sente saudade de Portland.

Uma garota que precisa desesperadamente de um segundo emprego, e uma garota que agora está lendo o aviso de ESTAMOS CONTRATANDO pregado na janela.

**Estamos contratando.  
Bata à porta para se candidatar.**

Dou um passo para trás e analiso o prédio à minha frente. Passo por ali todo dia durante meu trajeto e nunca o notei. Provavelmente porque fico as manhãs ao telefone, e as tardes, com lágrimas demais nos olhos para perceber o que há ao meu redor.

**CONFESSE**

Isso é tudo que o letreiro diz. Esse nome me faz pensar que deve ser uma igreja, mas descarto essa hipótese quando presto mais atenção às janelas de vidro na frente do prédio. Estão cobertas de pequenos pedaços de papel de várias formas e tamanhos, bloqueando a visão e acabando com qualquer esperança que eu tinha de espiar o que tem lá dentro. Em todos os pedaços de papel há palavras e frases escritas com letras diferentes. Dou um passo à frente e leio alguns recados.

*Todos os dias me sinto grata por meu marido e seu irmão serem idênticos. Assim é menos provável que meu marido descubra que nosso filho não é dele.*

Ponho a mão no peito. O que diabo é isso? Leio outro.

*Faz quatro meses que não falo com meus filhos. Eles ligam no fim do ano e no meu aniversário, mas é só isso. Não é culpa deles. Fui um péssimo pai.*

Leio mais um.

*Menti no meu currículo. Não tenho diploma. Desde que comecei a trabalhar para meu empregador, há cinco anos, ninguém nunca pediu para vê-lo.*

Fico boquiaberta e de olhos arregalados enquanto leio todas as confissões que meus olhos conseguem alcançar. Ainda não faço ideia do que é este prédio, nem de qual é minha opinião sobre o fato de todas essas coisas ficarem coladas desse jeito para o mundo inteiro ver, mas, de alguma forma, me sinto mais normal quando as leio. Se tudo isso é verdade, então talvez minha vida não seja tão ruim quanto penso.

Depois de quinze minutos, vou até a segunda janela, depois de ter lido a maioria das confissões à direita da porta que de repente se abre. Recuo para não ser atingida, e contenho minha forte vontade de me aproximar da porta e espiar o que tem ali dentro.

Um braço se estende e puxa a placa de ESTAMOS CONTRATANDO. Escuto um marcador deslizando pela placa de vinil enquanto continuo atrás da porta. Com a intenção de ver melhor quem é a pessoa, ou que lugar é esse, começo a dar a volta, mas na mesma hora a mão empurra a placa de ESTAMOS CONTRATANDO para a janela.

**Estamos contratando:**

**Bata à porta para se inscrever.**

**DESESPERADOS PARA CONTRATAR!!**

**BATA LOGO À MALDITA PORTA!**

Rio quando vejo as alterações feitas na placa. Talvez seja destino. Estou precisando desesperadamente de um segundo emprego, e esta pessoa, quem quer que seja, está precisando desesperadamente contratar alguém.

A porta se abre mais ainda, e de repente estou sendo analisada por uma pessoa cujos olhos têm mais tons de verde que sua camisa manchada de tinta. Seu cabelo é preto e grosso, e ele usa as mãos para afastá-lo da testa, deixando o rosto mais à mostra. No início, seus olhos estão arregalados e cheios de ansiedade, mas depois de assimilar minha presença, ele suspira. É quase como se percebesse que estou bem onde devo estar, e se sentisse aliviado por eu finalmente estar ali.

Ele passa vários segundos me encarando com uma expressão concentrada. Mudo a posição dos pés e desvio o olhar. Não por me sentir constrangida, mas porque ele me encara de uma maneira estranhamente reconfortante. Deve ser a primeira vez que me sinto bem-vinda desde que voltei ao Texas.

— Você está aqui para me salvar? — pergunta ele, atraindo minha atenção de volta a seus olhos.

O homem está sorrindo, mantendo a porta aberta com o cotovelo. Ele me observa dos pés à cabeça, e claro que me pergunto o que ele está pensando.

Olho a placa de ESTAMOS CONTRATANDO e começo a imaginar um milhão de possibilidades do que poderia acontecer se eu respondesse sim e entrasse com ele no prédio.

A pior situação que imaginei terminaria com meu assassinato. Infelizmente, isso não me desanima depois do mês que tive.

— É você quem está contratando? — pergunto a ele.

— Se você for a pessoa interessada, sim.

Seu tom de voz é nitidamente simpático. Não estou acostumada a falarem assim comigo, então não sei como reagir.

— Tenho algumas perguntas a fazer antes de concordar em ajudá-lo — digo, orgulhosa de mim mesma por não estar tão disposta a ser assassinada.

Ele pega a placa de ESTAMOS CONTRATANDO e a tira da janela. Então a joga dentro do prédio e apoia as costas



na porta, abrindo-a o máximo possível e gesticulando para que eu entre.

— Não temos tempo para perguntas, mas prometo que não vou te torturar, estuprar ou matar, se isso ajuda em alguma coisa.

A voz dele continua agradável, apesar da frase que acabou de dizer. Assim como seu sorriso, que deixa à mostra duas fileiras de dentes quase perfeitos e um incisivo esquerdo levemente torto. Mas esse pequeno defeito em seu sorriso é, na verdade, o que mais gosto nele. Isso e seu completo desdém pelas minhas perguntas. Odeio perguntas. Talvez esse emprego não seja tão ruim assim.

Suspiro e passo por ele, entrando no prédio.

— Em que estou me metendo? — murmuro.

— Em algo de que não vai mais querer sair — responde ele.

A porta se fecha atrás de nós, bloqueando toda a luz natural do cômodo. Não seria tão ruim se as luzes ali dentro estivessem acesas, mas não é este o caso. Vejo apenas um fraco brilho vindo do que parece um corredor, no lado oposto do cômodo.

Assim que as batidas do meu coração parecem me informar que foi uma burrice entrar num prédio com um desconhecido, a lâmpada começa a zunir e tremeluzir.

— Desculpe. — A voz dele está bem próxima, então me viro bem no instante em que a primeira lâmpada fluorescente acende. — Não costumo trabalhar nessa parte do ateliê, então deixo as luzes apagadas para economizar energia.

Após toda a área se iluminar, observo o cômodo com calma. As paredes são completamente brancas, adornadas com vários quadros. Não consigo enxergá-los muito bem porque estão espalhados, a vários metros de mim.

— Aqui é uma galeria de arte?

Ele ri, o que acho estranho, então me viro na sua direção.

Ele está me observando com olhos semicerrados e curiosos.

— Eu não diria que é uma galeria de arte. — Ele se vira, tranca a porta da frente e passa por mim. — Qual seu tamanho?

Ele atravessa o cômodo espaçoso até o corredor. Continuo sem saber por que estou aqui, mas o fato de que ele perguntou sobre meu tamanho me deixa um pouco mais preocupada do que eu estava apenas dois minutos antes. Será que ele quer saber o tamanho do caixão em que meu corpo vai caber? O tamanho das algemas que vai usar?

OK, estou bem preocupada.

— Como assim? Tipo tamanho de roupa?

Ele se vira para mim e recua, ainda seguindo na direção do corredor.

— Sim, seu tamanho de roupa. Não pode usar isso esta noite — diz ele, apontando para minha calça jeans e minha camiseta.

Ele gesticula para que eu o acompanhe enquanto se vira para subir um lance de escada que leva a um cômodo acima de onde estamos. Posso até ter uma quedinha por um incisivo torto e charmoso, mas seguir estranhos em um território desconhecido deveria ser meu limite.

— Espere — digo, parando na base da escada. Ele para e se vira. — Pode pelo menos me explicar o que está acontecendo? Porque estou começando a questionar minha decisão idiota de confiar num completo desconhecido.

Ele olha por cima do ombro para onde a escada leva, e depois se volta para mim. Suspira, frustrado, antes de descer vários degraus. Depois se senta, ficando olho a olho comigo. Seus cotovelos encostam nos joelhos, e ele se inclina para a frente, sorrindo calmamente.

— Meu nome é Owen Gentry. Sou artista, e este é meu ateliê. Tenho uma exposição em menos de uma hora e preciso de alguém que cuide de todas as transações. E minha namorada terminou comigo semana passada.

Artista.

Exposição.

Menos de uma hora?

E namorada? Isso não vou nem comentar.

Mudo a posição dos pés, olho para o ateliê atrás de mim mais uma vez, e depois de volta para ele.

— Vou receber algum treinamento?

— Você sabe usar uma calculadora comum?

Reviro os olhos.

— Sei.

— Então considere-se treinada. Vou precisar de você por apenas duas horas no máximo. Depois te dou duzentas pratas, e você pode ir embora.

Duas horas.

Duzentas pratas.

Tem alguma coisa errada.

— Qual a pegadinha?

— Não tem pegadinha.

— Como ainda não contratou ninguém, se paga cem dólares por hora? Só pode haver alguma pegadinha. Você devia estar abarrotado de candidatos.

Owen passa a palma da mão na barba por fazer no queixo, projetando-o para trás e para a frente, como se tentasse colocar a tensão para fora.

— Minha namorada se esqueceu de mencionar que também estava se demitindo quando terminou comigo. Liguei para ela quando não apareceu para me ajudar a organizar tudo duas horas atrás. É uma oportunidade de trabalho meio que de última hora. Talvez você estivesse no lugar certo na hora certa.

Ele se levanta e se vira. Continuo parada na base da escada.

— Você transformou sua namorada em funcionária? Isso nunca é uma boa ideia.

— Transformei minha funcionária em minha namorada. É uma ideia pior ainda. — Ele para no topo da escada e se vira, olhando para mim. — Qual seu nome?

— Auburn.

Ele observa meu cabelo, o que é compreensível. Todo mundo presume que me chamo Auburn, o nome de um tom castanho-avermelhado, por causa da cor do meu cabelo, que é no máximo um loiro-avermelhado. Dizer que sou ruiva é exagero.

— Quais são seus sobrenomes, Auburn?

— Mason Reed.

Owen inclina a cabeça lentamente na direção do teto enquanto exala pela boca. Acompanho seu olhar até o teto, mas não vejo nada além de telhas brancas. Ele ergue a mão direita e toca a própria testa, depois o peito, e em seguida continua com o movimento, indo de um ombro a outro, até praticamente fazer o sinal da cruz.

O que diabo ele está fazendo? Rezando?

Ele olha de novo para mim, sorrindo.

— Seu nome do meio é mesmo Mason?

Assinto. Pelo que sei, Mason não é um sobrenome estranho, então não tenho ideia de por que ele está fazendo rituais religiosos.

— Temos o mesmo sobrenome — diz ele.

Eu o encaro em silêncio, assimilando a probabilidade da sua resposta.

— Está falando sério?

Ele balança casualmente a cabeça, enfia a mão no bolso de trás e pega a carteira. Ele desce a escada mais uma vez e me entrega sua carteira de motorista. Dou uma olhada e, de fato, seu nome do meio é Mason.

Contraio os lábios e devolvo sua habilitação.

OMG.

Tento conter o riso, mas é difícil, então tapo a boca na esperança de estar sendo discreta.

Ele guarda a carteira no bolso. Ergue a sobancelha e me olha desconfiado.

— Você é tão perspicaz assim?

Meus ombros estão tremendo pelo esforço de conter o riso. Estou me sentindo muito, muito mal por ele.

Ele revira os olhos e parece levemente constrangido pela maneira que tenta esconder o próprio sorriso. Volta a subir a escada, muito menos confiante que antes.

— Por isso nunca conto pra ninguém qual meu nome do meio — murmura ele.

Eu me sinto culpada por achar isso tão engraçado, mas sua modéstia é o que me dá coragem para subir o restante da escada.

— Suas iniciais são mesmo OMG?

Mordo o interior da bochecha, contendo o sorriso que não quero que ele veja.

Chego ao topo da escada, e ele me ignora, seguindo até uma cômoda. Ele abre uma das gavetas e começa a remexer no que há ali dentro, então aproveito para dar uma olhada no espaçoso cômodo. Tem uma cama grande, provavelmente king size, no canto mais distante. No lado oposto, fica uma cozinha ladeada por duas portas que levam a outros cômodos.

Estou no seu apartamento.

Ele se vira e joga alguma coisa preta para mim. Eu pego, desdobro e vejo que é uma saia.

— Deve caber. Você e a traidora parecem vestir o mesmo número. — Ele vai até o armário e pega uma camisa branca no cabide. — Veja se isso serve. Seus sapatos estão bons.

Pego a camisa e olho para as duas portas.

— Banheiro?

Ele aponta para a porta da esquerda.

— E se não couber? — pergunto.

Fico preocupada, achando que ele não vai poder contar com minha ajuda se eu não estiver vestida como uma profissional. Não é fácil conseguir duzentos dólares.

— Se não couber, a gente queima junto de tudo o que ela deixou aqui.

Eu rio e vou até o banheiro. Após entrar, não presto atenção ao redor e começo a experimentar as roupas que ele me entregou. Felizmente, têm um caimento perfeito. Eu me olho no espelho de corpo inteiro e estremeço ao notar como meu cabelo está um desastre. Eu deveria ter vergonha de dizer que sou cosmetóloga. Não encosto nele desde que saí do apartamento pela manhã, então dou uma rápida ajeitada e uso uma das escovas de Owen para fazer um coque. Dobro as roupas que acabei de tirar e as coloco na bancada.

Quando saio do banheiro, Owen está na cozinha, servindo duas taças de vinho. Eu me pergunto se devo ou não contar que só vou ter idade legal para beber daqui a algumas semanas, mas naquele momento meu nervosismo está implorando por uma taça de vinho.

— Coube — digo, me aproximando dele.

Ele ergue o olhar e encara minha camisa por muito mais tempo que o necessário para perceber se uma camisa serve ou não. Depois pigarreia e volta a olhar para o vinho que está servindo.

— Ficou mais bonita em você — diz ele.

Eu me sento no banco, tentando conter o sorriso. Faz tempo que não sou elogiada, e me esqueci de como é bom.

— Você não está falando sério. Deve estar triste com o fim do namoro.

Ele empurra uma taça de vinho no balcão.

— Não estou triste, estou aliviado. E estou falando sério, sim. — Ele ergue a taça, então faço o mesmo. — Às ex-namoras e às novas funcionárias.

Eu rio enquanto brindamos.

— Melhor que ex-funcionárias e novas namoradas.

Ele mantém a taça nos lábios e me observa enquanto tomo um gole. Quando termino, ele sorri e finalmente bebe.

Assim que coloco a taça de volta no balcão, alguma coisa macia roça na minha perna. Minha primeira reação é gritar, o que é exatamente o que faço. Ou talvez o barulho que sai da minha boca esteja mais para um berro. Seja como for, ergo as pernas e vejo um gato preto e peludo se esfregando no meu banco. Abaixo as pernas imediatamente até o chão e me inclino para pegar o animal. Não sei por quê, mas saber que esse cara tem um gato diminui ainda mais meu desconforto. Acho que quem tem bicho de estimação não pode ser perigoso. Sei que não é a melhor maneira de justificar o fato de estar no apartamento de um desconhecido, mas isso me faz sentir melhor.

— Qual o nome do seu gato?

Owen estende o braço e acaricia o pelo do gato.

— Owen.

Rio imediatamente da piada, mas sua expressão continua tranquila. Fico alguns segundos esperando ele rir, mas não faz isso.

— Você colocou seu nome no gato? Sério?

Ele me encara, e noto um sorriso bem discreto se insinuando no canto de sua boca. Ele dá de ombros, quase tímido.

— Achei ela parecida comigo.

Rio de novo.

— Ela? Colocou o nome Owen em uma gata?

Ele olha para a Owen-Gata e continua lhe fazendo carinho enquanto a seguro.

— Shiu — diz ele baixinho. — Ela consegue entender o que você diz. Não a deixe complexada.

Como se ele tivesse razão, e ela realmente entendesse que estou zombando do seu nome, Owen-Gata pula dos meus

braços para o chão. Ela desaparece do outro lado do balcão, e me obrigo a parar de exibir um sorriso. Amo o fato de ele ter colocado o próprio nome na gata. Quem faz uma coisa dessas?

Coloco o braço no balcão e apoio o queixo na mão.

— Então o que precisa que eu faça hoje, OMG?

Owen balança a cabeça, pega a garrafa de vinho e a guarda na geladeira.

— Pode começar nunca mais me chamando pelas iniciais.

Depois de concordar com isso, explico o que vai acontecer.

Eu deveria me sentir mal, mas ele parece estar achando graça.

— Combinado.

— Antes de tudo — diz ele, inclinando-se sobre o balcão —, quantos anos você tem?

— Não tenho idade para beber vinho.

Tomo outro gole.

— Oops — diz ele, secamente. — O que você faz? Está na universidade?

Ele apoia o queixo na mão e aguarda minha resposta.

— Como essas perguntas vão me preparar para o trabalho de hoje à noite?

Ele sorri. Seu sorriso fica excepcionalmente bonito quando acompanhado de alguns goles de vinho. Ele assente e se emper-tiga. Pega a taça de mim e a coloca de volta no balcão.

— Pode me acompanhar, Auburn Mason Reed.

Faço o que ele pede, porque por cem dólares por hora eu faço quase tudo.

Quase.

Quando voltamos para o térreo, ele vai até o centro do cômodo e ergue os braços, fazendo um círculo. Acompanho seu olhar, percebendo como o local é espaçoso. A primeira coisa que chama minha atenção é a iluminação disposta em sequência.



Cada lâmpada foca em um dos quadros que adornam as paredes completamente brancas do ateliê, destacando a arte, apenas ela. Bem, não tem *nada* mais ali. Apenas paredes brancas do chão ao teto, um chão de concreto polido e arte. É simples e marcante ao mesmo tempo.

— Este é meu ateliê. — Ele para e aponta para um quadro. — Esta é a arte. — Ele indica um balcão do outro lado. — É ali que você vai ficar a maior parte do tempo. Vou ficar perambulando pelo local, e você registra as compras. É praticamente isso.

Ele explica tudo de forma bem casual, como se alguém fosse perfeitamente capaz de criar algo dessa magnitude. Ele apoia as mãos nos quadris e me espera assimilar tudo.

— Quantos anos você tem? — pergunto a ele.

Ele estreita os olhos e baixa um pouco a cabeça antes de desviar o olhar.

— Vinte e um.

Ele fala como se tivesse vergonha da idade. Quase como se não gostasse de ser tão novo e já conquistado o que parece uma carreira de sucesso.

Eu teria chutado que ele é bem mais velho. Seus olhos não parecem os de um rapaz de 21 anos. São escuros e profundos, e sinto uma vontade repentina de mergulhar em suas profundezas para poder ver tudo que ele já viu.

Desvio o olhar e foco na arte. Vou até o quadro mais próximo e, a cada passo que dou, fico mais ciente do talento por trás do pincel. Ao chegar diante do quadro, respiro fundo.

É algo que consegue ser triste, impressionante e bonito, tudo ao mesmo tempo. O quadro é de uma mulher que parece sentir amor e vergonha, e todas as emoções entre essas duas.

— O que você usa além de acrílico? — pergunto, me aproximando.

Passo o dedo na tela e escuto seus passos chegando mais perto. Ele para ao meu lado, mas não consigo desviar os olhos do quadro por tempo suficiente para observá-lo.

— Uso vários meios diferentes, de acrílico a tinta em spray. Depende da obra.

Meus olhos se focam num pedaço de papel ao lado do quadro, colado na parede. Leio as palavras escritas ali: *Às vezes me pergunto se estar morta seria mais fácil que ser sua mãe.*

Toco o papel e volto a olhar para o quadro.

— Uma confissão?

Quando me viro para ele, vejo que seu sorriso brincalhão desapareceu. Ele cruza os braços com firmeza, queixo baixo. Olha para mim, como se estivesse nervoso com minha reação.

— Sim — responde ele simplesmente.

Olho para a janela e para todos os pedaços de papel que cobrem o vidro. Dou uma olhada no local, reparando em todos os quadros e notando que há um pedaço de papel colado na parede ao lado de cada um deles.

— Todos são confissões — digo, impressionada. — São de pessoas de verdade? Gente que você conhece?

Ele balança a cabeça e indica a porta.

— São todas anônimas. As pessoas deixam as confissões naquela fresta, e uso algumas como inspiração para minha arte.

Vou até o próximo quadro e leio a confissão antes mesmo de olhar a interpretação da obra.

*Nunca deixo ninguém me ver sem maquiagem. Meu maior medo é como vai ser minha aparência no meu funeral. Tenho quase certeza de que serei cremada, porque minhas inseguranças são tão arraigadas que vão me seguir até o além. Obrigada por isso, mãe.*

Imediatamente olho para o quadro.

— Incrível — sussurro, me virando para assimilar mais de suas criações.

Vou até a janela das confissões e encontro uma escrita em caneta vermelha e destacada com marca-texto.

*Tenho medo de nunca conseguir parar de fazer comparações entre como é minha vida sem ele e como era minha vida quando eu estava com ele.*

Não sei se estou mais fascinada com as confissões, com a arte ou com o fato de conseguir me identificar com tudo o que tem ali. Sou uma pessoa muito fechada. Raramente compartilho meus verdadeiros pensamentos com alguém, por mais que isso vá me ajudar. Ver todos esses segredos e saber que essas pessoas provavelmente nunca os compartilharam com ninguém, e nunca farão isso, me faz sentir conectada a elas de alguma maneira. Isso me proporciona uma sensação de pertencimento.

De certo modo, o ateliê e as confissões me lembram de Adam.

*Conte alguma coisa sobre você que mais ninguém sabe. Algo que eu possa guardar comigo.*

Odeio o fato de sempre achar uma relação entre Adam e tudo que vejo e faço, e me pergunto se sempre será assim. Faz cinco anos desde que o vi pela última vez. Cinco anos que ele morreu. Cinco anos, e eu me pergunto se, assim como a confissão na minha frente, sempre vou comparar minha vida com ele à minha vida sem ele.

E me questiono se algum dia não vou mais ficar desapontada ao fazer isso.